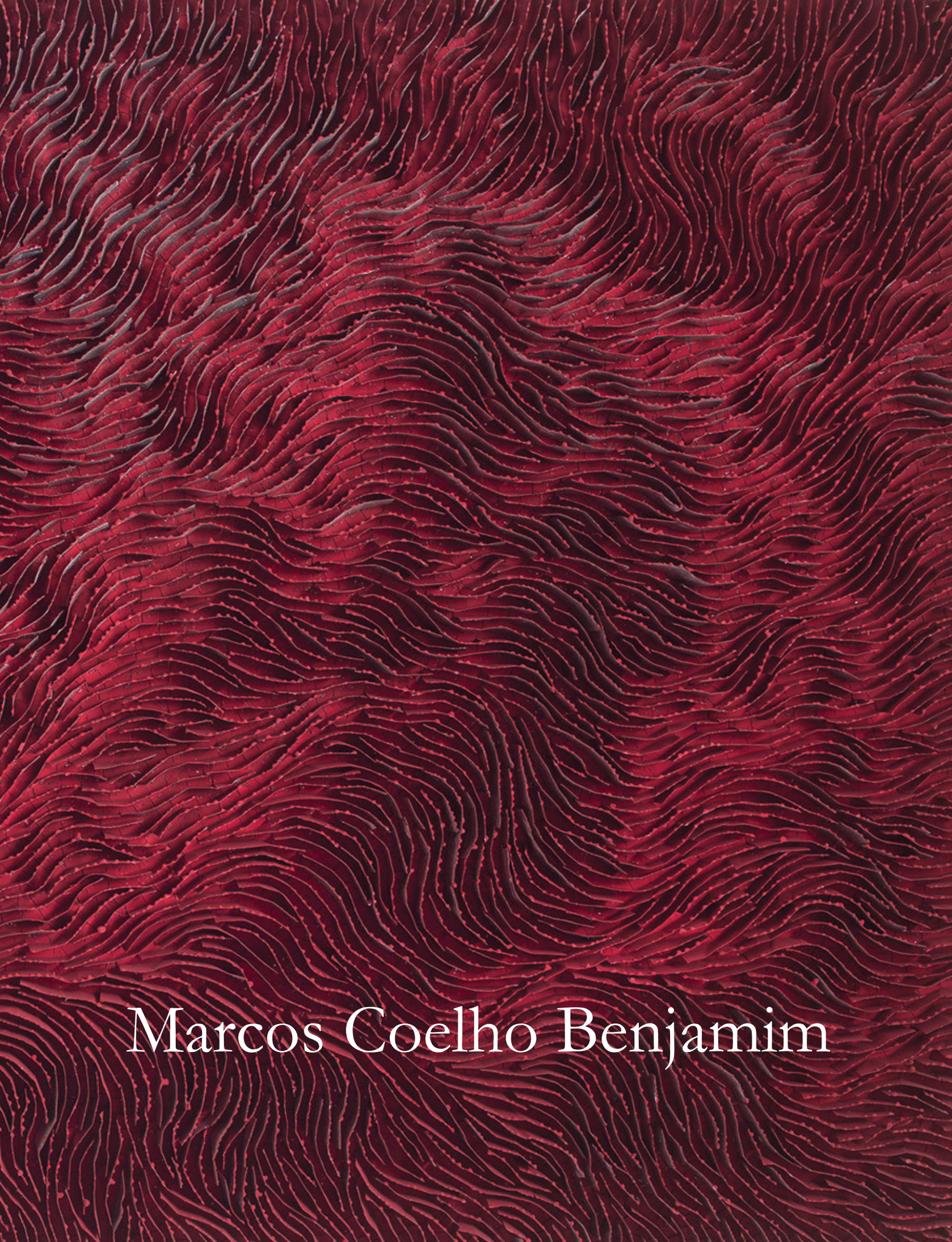

Marcos Coelho Benjamim

Marcos Coelho Benjamim

SIMÕES DE ASSIS GALERIA DE ARTE

Alameda D. Pedro II, 155
80420-060 - Curitiba - PR - Brasil
Tel: (55 41) 3232-2315
galeria@simoesdeassis.com.br
www.simoesdeassis.com.br

Marcos Coelho Benjamim

abertura: 18 de março, sábado às 11hs
opening: march 18, saturday 11a.m

exposição: 18 de março a 29 de abril de 2017
exhibition: *march 18 to april 29, 2017*

apresentação/*presented by*: Guilherme Bueno

SIMÕES DE ASSIS GALERIA DE ARTE

Alameda D. Pedro II, 155
80420-060 - Curitiba - PR - Brasil
Tel: (55 41) 3232-2315
galeria@simoesdeassis.com.br
www.simoesdeassis.com.br

BENJAMIM - TUDO ESTÁ AQUI

A obra recente de Marcos Coelho Benjamim aglutinou um desdobramento de seus feitos anteriores e um novo passo. Isso não significa ter havido uma "superação" de seus trabalhos realizados até então ou a ruptura com os mesmos; aponta somente para o fato de que certas questões abriram-se para novas abordagens - e nisso, pensamos especificamente no seu trato composicional dos materiais e em suas consequências no entendimento da cor.

Característico de seu trabalho pelo menos desde a metade final da década de 1980 é a criação de objetos passíveis de abordarem três frentes: uma primeira em que os campos da pintura e da escultura se mostram intercambiáveis; num segundo caso, eles denotam uma ambivalência entre abstração e figuração, sem, contudo, proporem isso como um dilema ou drama, mas como jogo visual (isto é: como olhamos para uma obra de arte - ou o quê esperamos dela); por fim, na sua capacidade de assimilar simultaneamente uma visualidade "popular" e uma erudita. Exemplificam-nos a série dos *Raladores* com sua silhueta demarcada e *total* do suporte (visto que ele não *fechava* a composição, mas era a forma mesma do trabalho como um todo articulado), a menção a um objeto comum - antes um apelido contingente do que uma descrição, uma legenda ao trabalho - depurada por uma geometria e uma espacialidade pictórica (bidimensional) conjugada a uma plasticidade escultórica (a presença viva da matéria). A paleta terrosa, no seu trato espesso, por sua organicidade, obtinha uma inesperada sensualidade para uma cor quase sempre tratada como tom - uma cor por outros reprimida.

Tais colocações, indicativas da parcela de continuidade vista na trajetória do artista, têm sua contrapartida no modo como passam a ser abordadas nos últimos tempos. De imediato, há uma nova paleta em jogo. Benjamim explora cores de uma vibração menos contida; elas decididamente avançam rumo ao espaço. Aqui temos uma interessante comparação: as cores terrosas funcionavam como uma espécie de regulagem entre o quanto a obra tendia a transbordar (por conta de sua textura marcante) ou ter sua área de "influência" e dispersão delimitada ao suporte (dada - perdoe-se o termo - a "frieza" das cores terciárias, a "segurar" a expansão da pintura). A luminosidade média das cores terrosas funcionava como um fiel entre bidimensionalidade do suporte e corporeidade explícita dos materiais. Agora vemo-nos diante de obras cuja luminosidade, ora propelida, ora profunda (e às vezes as duas coisas ao mesmo tempo), optam por uma intercambiável e rica oscilação e vibração do trabalho, algo conquistado paulatinamente pelo seu método de construção.

Benjamim persiste em criar obras que não se constroem dentro do suporte, mas *com* ele. Se o modo disso acontecer anteriormente já foi assinalado, os seus *tondi* da última década deixam claro como isso tem ocorrido. A forma (e sem querer forçar paralelos, mas apenas sugerir uma analogia) se desenvolve similarmente a certos procedimentos da pintura inicial de Frank Stella, em que uma determinada unidade ou módulo progressivamente se expande. Em Benjamim o *tondo* também surge a medida em que os arcos metálicos são agregados e conjugados. No entanto, há dentre outras diferenças, uma fundamental - o fato de no artista mineiro tal repetição não ser uma operação programada, mas antes o resultado de escolhas feitas somente no decurso mesmo de realização do objeto. A contraprova está em outras séries que optam por um chassis quadrado, no qual o emaranhado de tiras não replicam o seu perfil, mas que, das pequenas tiras das extremidades às maiores próximas ao centro (onde estão parte dos perfis mais extensos), nele resultam, em uma iridescência luminosa que ora parte, ora proporciona um crescente das bordas para o ápice quase epifânico próximo ao centro do "quadro".

O "emaranhado", por sua vez, parece fruto de dois problemas: mais uma vez dialogando consigo, o artista encontra aqui uma nova solução para sua investida pictórica por meio de dispositivos escultóricos: as tiras são como linhas desenhadas com objetos reais em um espaço real. Melhor dito, ao invés de desenhar, Benjamim *prega* uma linha - linha que é também plano e volume. O intervalo entre elas, intensifica, na sua diferença de profundidade, a vibração da cor que, dada variação de ângulos conforme as chapas foram colocadas, obtêm intensidades particulares a partir de uma mesma matriz. Daí o farfalhar vivo e ondulante de algumas peças, como nos quadrados e retângulos, ou o caráter mais grave dos losangos, cujo contraste é acrescido da oposição entre frios e quentes das partes frontais e laterais das lâminas. Resumidamente, Benjamim não se enquadra nem no estereótipo "extremamente mental", nem no "ingenuamente popular (intuitivo)", nem no "habilmente formalista". Sua arte transita entre tudo aquilo que se mostra disponível, cuja validade, porém, se ratifica apenas quando algo faz sentido plástico para ele. Benjamim é um artista *honestamente visual*: nele, tudo é dito pela maneira como as formas são operadas para dar consecução a um trabalho, cuja validade se traduz em sua aptidão para ser efetivamente autêntico, e não justificar empréstimos formais tomados alhures (sem renegar, contudo, sua amplitude de repertório). A melhor palavra para descrever uma obra sua é *presença*. A sua verdade está no esplendor e maravilhamento sem culpas ou tergiversações que uma obra de arte pode despertar. Óbvio que não indica nem um método nem um princípio exclusivo como a arte deve ser hoje; outrossim deixa-nos perceber que é uma das inúmeras modalidades autênticas segundo as quais ela pode existir.

Resta ainda um aspecto a indicar nisso tudo. Foi dito que Benjamim mostrou-se sempre capaz de entrelaçar uma visualidade popular com aquela outra "erudita". Esse sempre foi um tema espinhoso, pois abria margem para leituras incompletas e reducionistas do artista. Isso ficava patente na discutível "mineiridade" ancestral e profunda de seu trato com sua *invenção* (valendo-nos da precisa expressão usada por Olívio Tavares de Araújo ao falar do artista). O princípio de Benjamim não é nem descoberta ingênua e acidental nem a pré-determinação da forma: é acima de tudo a potência de testar os mais discrepantes modos de se chegar a arte. Dito concretamente, é sua generosidade plástica de fazer com que cor, forma e matéria - em um resumo simplista, a tríade inicial de seu processo - lograssem com ele a conjugar uma evidência carnal e matérica dos elementos construtivos, com um esplendor e presença quase "mágicos" que, hoje em dia, apenas a arte (mais verdadeiramente) popular consegue atingir. Seus azuis e violetas têm a potência cativante dos antigos santos, mas são igualmente elementos de um mundo próximo e corriqueiro da cultura visual urbana. O desafio que Benjamim nos oferece é o de ser um artista sem classificações ou molduras. É o desafio da honestidade; simples porque tudo está dito, mas numa plástica generosa e inquiridora de todos os seus horizontes.

Guilherme Bueno*

*Curador, crítico e historiador da arte. Doutor em Artes Visuais pela UFRJ, professor do Instituto de Artes da UERJ e do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio. Atua como colaborador no Programa de pós-graduação em arquitetura da UFRJ e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dirigiu de 2009 a 2012 o MAC de Niterói, ex-editor-chefe da revista Dasartes. Foi curador de diversas mostras sobre arte moderna e contemporânea brasileira no país e no exterior e colabora regularmente para revistas, catálogos e livros.

Sem Título, 2012
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 120 Ø cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 100 Ø cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

BENJAMIM – IT IS ALL HERE

Marcos Coelho Benjamim's recent work has got an unfoldment of his previous accomplishments and a new step together. This does not mean that there was a "change" of his work until then or a rupture with it. It only points to the fact that some questions have been opened to new approaches, and we specifically think here about his compositional treatment of materials and the consequences on the understanding of color.

A characteristic of his work since the late half of the 1980s is the creation of objects that can address three fronts. The first one is that the fields of painting and sculpture are interchangeable. In the second case, they denote an ambivalence between abstraction and figuration, without, however, propose it as a dilemma or drama, but as a visual game (how we look at a work of art or what we expect from it). Finally, the capacity to assimilate simultaneously a "popular" and a scholarly visuality. An example is the Raladores ["Graters"] series with its demarcated and total silhouette of the medium (since it did not close the composition, but it was the form of the work as a whole), the mention of a common object (rather a contingent nickname than a description, a subtitle for the artwork), refined by a geometry and a pictorial (two-dimensional) spatiality combined with a sculptural plasticity (the living presence of matter). The earthy palette, in its thick aspect, by its organicity, has obtained an unexpected sensuality for a color almost always treated as tone, a color for others repressed.

Such placements, indicative of the continuity seen in the artist's formation, have their counterpart in the way they are approached in recent times. Immediately, there is a new palette to be played with. Benjamin explores colors of a less contained vibration that decidedly move towards space. Here we have an interesting comparison: the earthy colors have worked as a sort of regulation between how much the work tended to overflow (due to its striking texture) or to have its area of "influence" and dispersion delimited to the medium (given the "coolness" of tertiary colors – sorry for the word –, to "stop" the expansion of painting). The average luminosity of the earthy colors have worked as a scale between the bidimensionality of the medium and the explicit corporeity of the materials. Now we are faced with works whose luminosity, propelled or deep (and sometimes both at the same time), choose an interchangeable and rich oscillation and vibration of the work, something gradually achieved by its method of construction.

Benjamim keeps on creating works that are not built within the medium, but with it. If the way it happens has already been pointed out, his tondi from the last decade make it clear how this has happened. Form (without wanting to make parallels, but to merely suggest an analogy) develops close to certain procedures of Frank Stella's initial painting, in which a particular unit or module progressively expands. In Benjamim, the tondo also arises while the metallic arcs are aggregated and conjugated. However, there are, among other differences, one fundamental: the fact that, for this artist, such repetition is not a programmed operation, but rather the result of choices made only during the creation of the object itself. The proof in other series that choose a square chassis, in which the tangled strips do not replicate their profile, but that, from the small strips of the extremities to the larger ones near the center (where they are part of the more extensive profiles), they result in a luminous iridescence that tears up or provides an increasing of the edges to the almost epiphanic apex near the center of the "picture".

The "tangle" seems to be the result of two problems: once again in a dialogue with himself, the artist finds here a new solution for his pictorial invigoration through sculptural devices: the strips are like lines drawn with real objects in a real space. Rather than drawing, Benjamin makes a line that is also plan and volume. The gap between them intensifies, in their difference of depth, the vibration of the color which, given the variation of angles according to the plates were placed, obtain particular intensities from the same matrix. Hence the lively and undulating rustle of some pieces, like squares and rectangles, or the more serious character of the lozenges, the contrast of which is increased by the opposition between cold and hot of the front and side parts of the blades. Briefly, Benjamim does not fit into the "extremely mental" stereotype, nor the "naively popular (intuitive)" nor the "cleverly formalist."

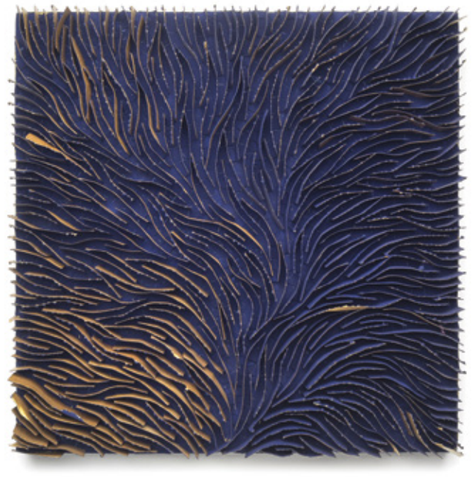
His art wanders among everything that is available, whose validity, however, is confirmed only when something makes plastic sense to him. He is an honestly visual artist: in his work, everything is said by the way the forms are operated to give attainment to a work, whose validity translates to its ability to be effectively authentic, and not to justify formal loans taken elsewhere (without denying, however, his range of repertoire). The best word to describe his work is presence. His truth is in splendor and wonder without blame or misrepresentation that a work of art can awaken. Obviously, it indicates neither a method nor an exclusive principle that art should follow today. It lets us realize that that is one of the many authentic modalities by which it can exist.

There is still one thing to point out in all this. It was said that Benjamim was always able to mix a popular visibility and that other "erudite". This was always a difficult subject, since it opened the way for incomplete and reductionist views of the artist. This was evident in the debatable and ancestral peculiarity of his homeland in the way he has dealt with invention (using the precise expression used by Olívio Tavares de Araújo when speaking of the artist). Benjamim's principle is neither a naive and accidental discovery nor the pre-determination of form. It is above all the power to test the most divergent ways of getting to art. In concrete terms, it is his plastic generosity to make color, form and matter - in a simplistic summary, the initial triad of his process - achieve and conjugate a carnal and material evidence of the constructive elements with almost "magical" splendor and presence that today only the (most truly) popular art can achieve. His blue and violet textures have the captivating power of the ancient saints, but they are also elements of a near and everyday world of urban visual culture. The challenge Benjamim offers us is being an artist without classifications or frames. It is the challenge of honesty; it is simple, because everything is said, but in a generous and inquisitive plastic form of all horizons.

Guilherme Bueno*

**Curator, art critic and historian. Phd. in Visual Arts from UFRJ, professor at Art Institute of UERJ and at the Architecture and Urbanism Department of PUC-Rio. He works as a colaborator for the Graduate Program in Architecture at UFRJ and at the Visual Arts School of Parque Lage. He coordinated from 2009 to 2012 the Contemporary Art Museum (MAC) at Niterói, and he was the editor-in-chief of the magazine Dasartes. He has curated many exhibitions on Brazilian modern and contemporary art in the country and abroad, and he regularly colaborates for magazines, catalogs and books.*

I.



II.

III.

IV.

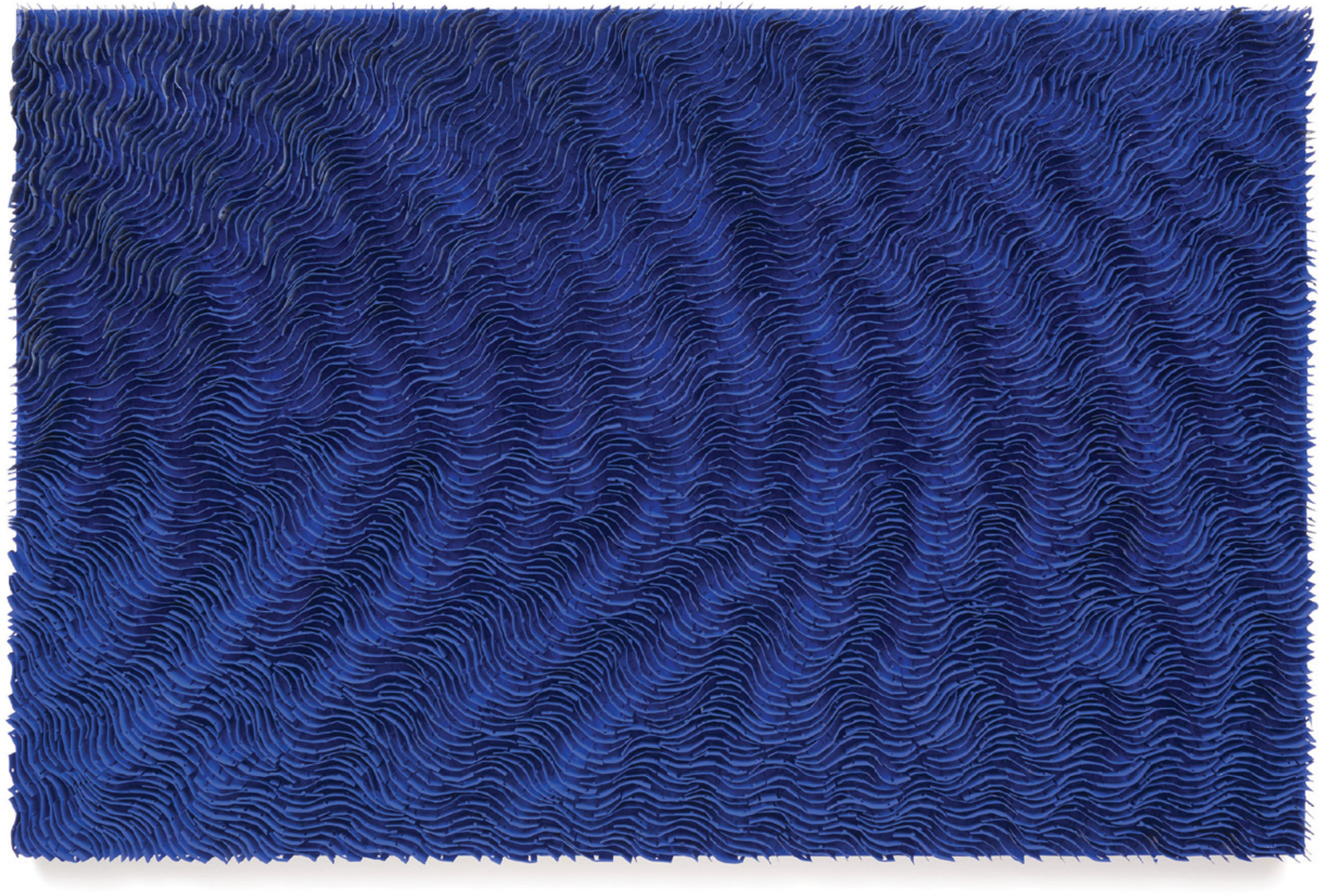
V.

VI.

VII.

VIII.

I-VIII. Sem Título, 2015
Zinco e pintura de cores variadas s/madeira, 50 x 50 cm cada/*each*
Zinc and different colors paint on wood



Sem Título, 2012
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 106 x 160 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

"(…)A evidente originalidade de Benjamim faz dele, em definitivo, um inventor – e não há muitos na arte brasileira, cheia de caudatários e epígonos. A verdade é que sua obra não se parece com a de ninguém no mundo. O mais surpreendente talvez seja a sensação de que tudo nasce com extrema facilidade, quase milagrosamente, sem esforço. Ou como se tudo fosse feito brincando.

Mas artista nenhum cria como a fonte jorra. A aparente facilidade é sempre sabedoria destilada. Como Volpi, Benjamim possui uma sabedoria que é de natureza predominantemente intuitiva, e se impregna, mais do que se mostra, na peça pronta. Também como em Volpi, enfim, a força e a inteireza total da obra, quando olhada em conjunto, derivam do beber em suas próprias fontes, em vivências passadas e/ou recentes, frugais e/ou quase populares, filtradas por uma inteligência visual clara e ordenadora."

"(…) Benjamim's evident originality makes him, in short, an inventor - and there are not many of them in Brazilian art, full of flatterers and epigones. The truth is that his work does not resemble anyone else's in the world. Perhaps most surprising is the feeling that everything is born with extreme ease, almost miraculously, without effort. Or as if it were all made joking.

However, no artist creates as the source streams. The apparent ease is always distilled wisdom. Like Volpi, Benjamim possesses a wisdom that is predominantly intuitive in nature, and permeates, more than it presents, in the finished piece. Also like Volpi, finally, the strength and wholeness of the work, when viewed together, derive from drinking in its own sources, past and/or recent, frugal and/or almost popular experiences, filtered by a clear visual and organizing intelligence."

Olívio Tavares de Araújo

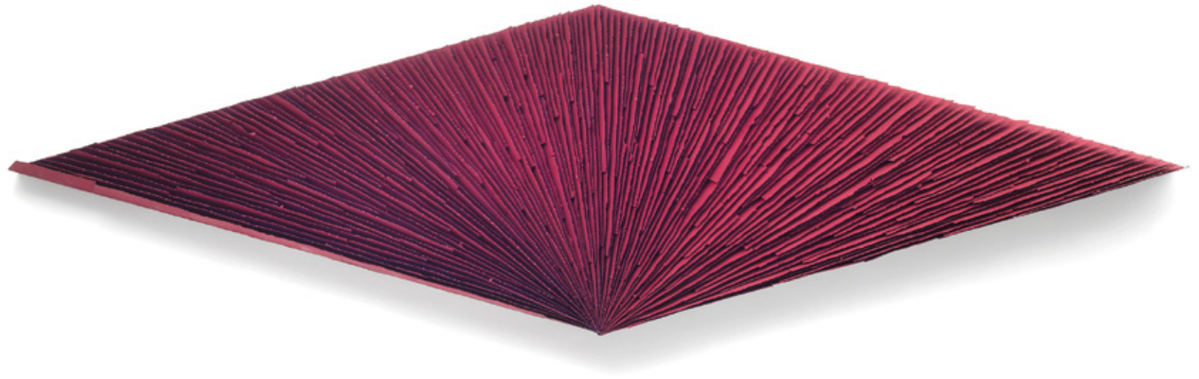
Sem Título, 2014
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 160 x 106 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

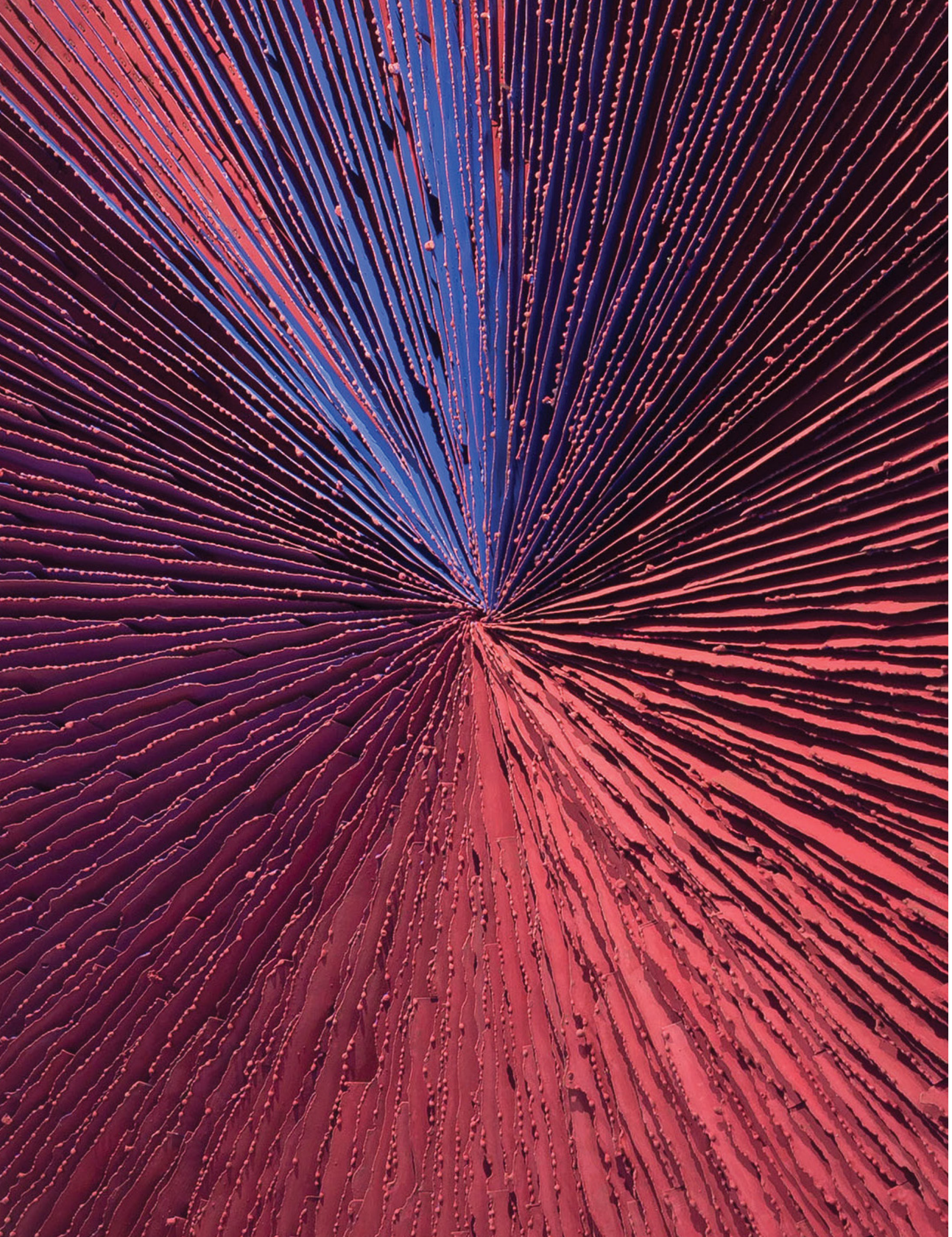
Sem Título, 2012
Zinco e pintura magenta s/madeira, 160 x 106 cm
Zinc and magenta paint on wood

Sem Título, 2014
Zinco e pintura magenta s/madeira, 160 x 106 cm
Zinc and magenta paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura magenta e azul ultramar s/madeira, 219 x 60 cm
Zinc and magenta and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura magenta e azul ultramar s/madeira, 219 x 60 cm
Zinc and magenta and ultramarine blue paint on wood





"Marcos Coelho Benjamim
é um arqueólogo.
E cava
e corta
e crava a cor.
Estampa tábua velha em música.
Descobre arames torcidos:
letras-sinais de novos caminhos.
Cortinas-objetos desdobram-se das portas
captando a luz da magia.
Ripas cortadas
chanfradas em som de clarineta
são organizadas em janelas.
Janelas que se abrem para o primeiro dia.
Inventor multifacetando o espaço,
sulca o rastro quente
dos primeiros passos,
vigilantes nas estantes do tempo
Mostrando o horizonte que nasce.
Sabedoria surda.
Teia de tempo vivo.
Trama de silêncio alto:
De onde e para onde?
Sabedoria do amanhecer."

Amilcar de Castro

"Marcos Coelho Benjamim
is an archaeologist.
And he digs
and cuts
and spikes the color.
Stamps old board in music.
Discovers twisted wires:
letters-signs of new ways.
Curtains-objects unfold from doors
capturing the light of magic.
Cut strips
bevelled under clarinet sound
are organized in windows.
Windows that open to the first day.
Inventor of a multifaceted space,
He grooves the hot trail
of the first steps,
vigilant on the shelves of time
Showing the horizon that is born.
Deaf wisdom.
Alive time web.
High silence plot:
From where and to where?
Wisdom of the dawn."

Amilcar de Castro

Sem Título, 2012
Zinco e pintura cobreada s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and acrylic paint on wood

Sem Título, 2011
Zinco e pintura magenta s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and magenta paint on wood

"As matérias e os objetos são seres, têm alma, gesticulam: latas latem, madeiras mordem, pregos picam, arames ardem, raladores ruminam, canos conversam, a sucata sua e a ferramenta fere. Eis o anúncio e o ensinamento de que é pródiga a obra de Marcos Coelho Benjamin, esse mineiro em vôo para além do torrão natal, rumo a todo o tempo e a todo o mundo. Ele veio de Nanuque, Minas profunda, onde a infância foi (como para qualquer infante ali) o encontro cotidiano com a fonte em que o povo se abebera, a troca nua e mágica com a voz que habita o coração selvagem das coisas.

(....) A gente bem sabe: o solo de Minas desce fundo no tempo e que dele brota tem idade difícil de assegurar - seres novos e velhos ou velhos de novos? Seres de sempre resistentes. No bojo desses escudos, agressivos pelo tamanho, a matéria e o mistério, esconde-se a perenidade de Minas, pedra alquímica, terra de insólitas asperezas e de metálicas sonoridades, captadas por Benjamin na forja onde o local se transfigura em universal."

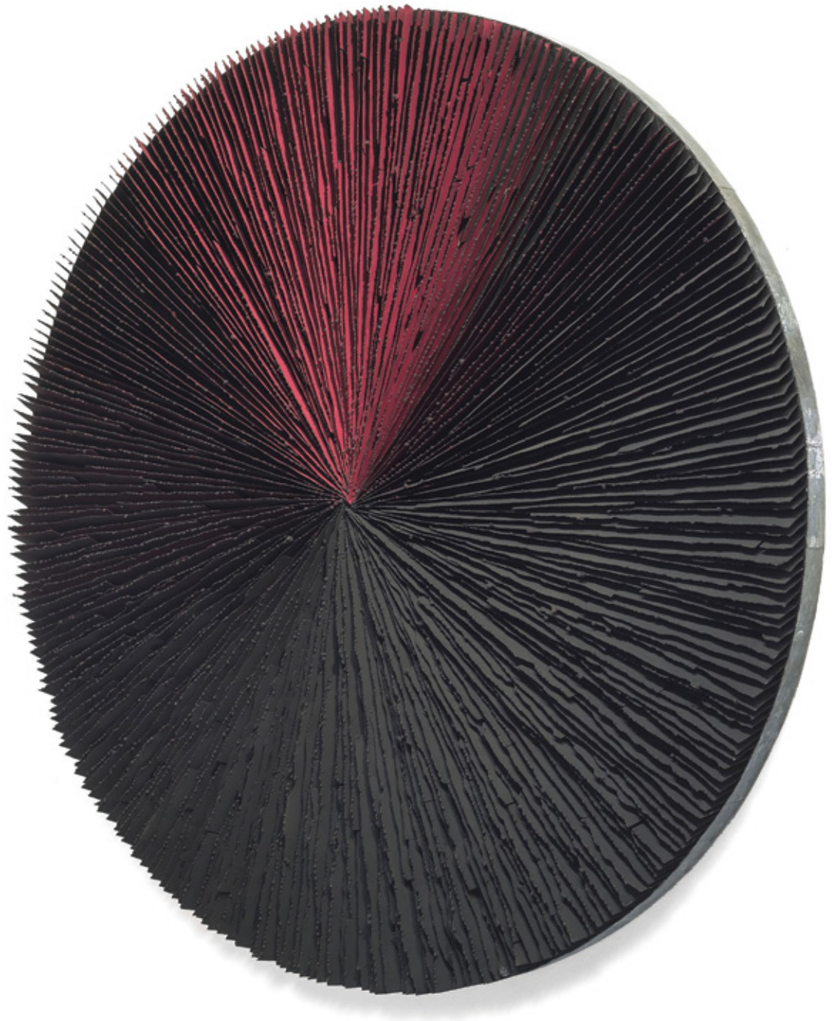
"Benjamin, in a flight beyond the sun birthplace, all the way to everytime and the whole world. He came from Nanuque, state of Minas Gerais, where his childhood was (as for any infant there) the daily encounter with the source from which the people drink, the bare and magical exchange with the voice that inhabits the wild heart of things.

(…) We all know: the soil of Minas Gerais descends deep in time and what grows out of it is difficult to assure age - new and old or old of new? Always tough ones. In the bulge of these shields, aggressive by size, matter and mystery, lies the perenniality of Minas, an alchemical stone, land of unusual roughnesses and metallic sonorities, captured by Benjamim in the forge where the local is transfigured into universal."

Roberto Pontual

Sem Título, 2011
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 180 Ø cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura negra e azul ultramar s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and black and ultramarine blue paint on wood



Sem Título, 2015
Zinco e pintura negra e magenta s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and black and magenta paint on wood

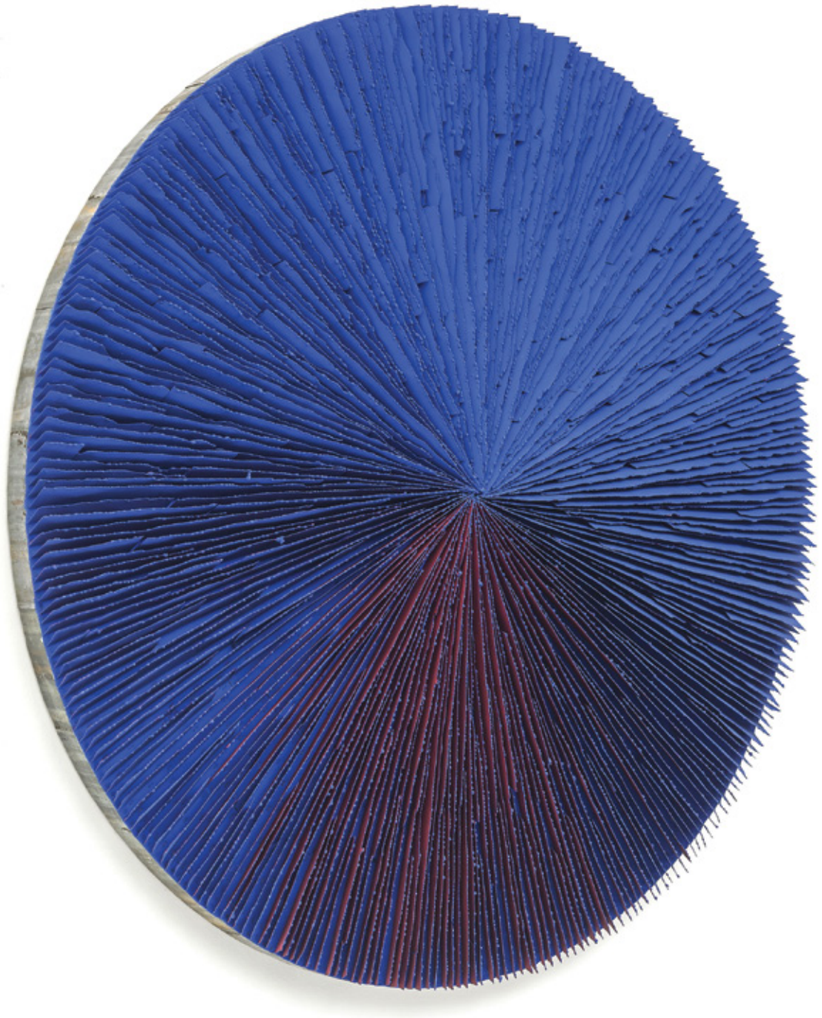
Sem Título, 2015
Zinco e pintura verde e negra s/madeira, 100 Ø cm
Zinc and green and black paint on wood

"Trouxe do Jequitinhonha latas velhas, madeiras carcomidas, com restos de camadas de tintas e vernizes, pregos, rachaduras, a miséria colada no material, mas, também, esta beleza que a corrosão do tempo cria. Ao retrabalhar esse material, aproveitando o que sobrou neles da intervenção do homem, agregando incisões, um desenho, um corte ou recorte, Benjamim realiza a verdadeira 'arte povera' brasileira, assume nossa miséria, dá sua versão da 'estética da fome' de Glauber Rocha. Esse lixo recolhido em Jequitinhonha foi seu relato de viagem, dramático, poético, que os cariocas puderam ver no Salão Nacional de Artes Plásticas de 1980, no qual recebeu o prêmio viagem ao exterior. "

"He has brought from Jequitinhonha old cans, wormwood, with traces of layers of paints and varnishes, nails, cracks, misery stuck in the material, but also this beauty that the corrosion of time creates. By reworking this material, taking advantage of what remains in them from the intervention of man, adding incisions, a drawing, a cut or a cut, Benjamim makes the true Brazilian arte povera, assumes our misery, gives his version of Glauber Rocha's 'aesthetics of hunger'. This garbage collected in Jequitinhonha was his travel report, dramatic, poetic, that the people of Rio de Janeiro could see in the National Salon of Plastic Arts of 1980, in which he received the prize for a trip abroad."

Frederico Morais

Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar e magenta s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and ultramarine blue and magenta paint on wood



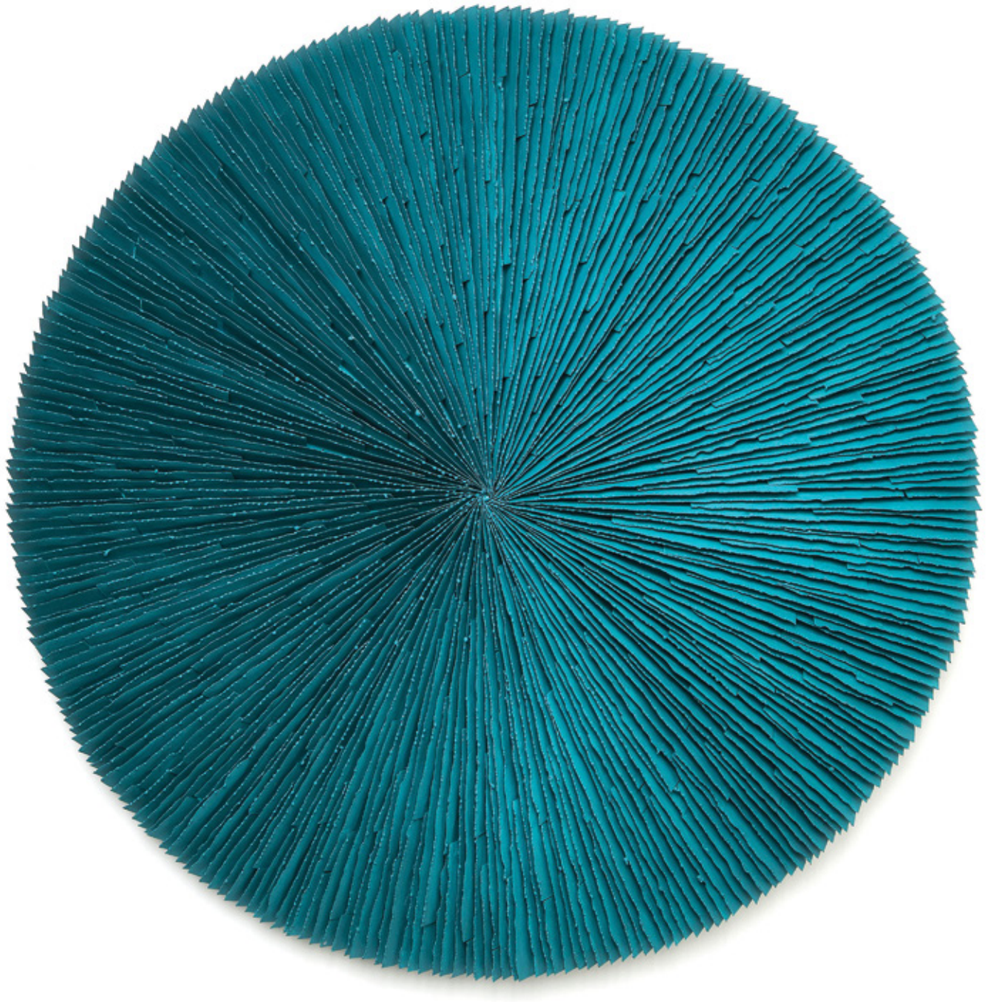
Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar e magenta s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and ultramarine blue and magenta paint on wood

Sem Título, 2012
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 110 Ø cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

"(...) Em sua permanente insistência em desmitificar a 'aura' da obra de arte, do objeto artístico, em sua negação constante da presença da teoria no fundamento de sua criação, está a raiz de sua autenticidade. Quando ele diz: eu não faço escultura, faço objetos, não, não faço objetos, faço coisas, na verdade ele deseja preservar seu fazer desvestido do esnobismo da unicidade, convencionalmente aceita, em torno da arte contemporânea, mesmo que precária como o é atualmente com materiais efêmeros, instalações ou meios eletrônicos. Ou deseja resguardar o fazer lúdico que pratica desde menino como um território desvinculado de regras comportamentais, mantendo-o como atividade-lazer, compulsiva, prazerosa. Como suas instalações de quintal, com elementos de instalações elétricas urbanas, ou com as dezenas de formas-moldes irregulares que transfigura ao serem mergulhadas plenas de água sobre a terra. Criação/brinquedo, a arte para Benjamim é invenção que lhe devolve uma gratificante alegria e sentido para a vida. "

"(...) In his permanent insistence on demystifying the 'aura' of the work of art, the artistic object, in his constant negation of the presence of theory in the elements of its creation, there is the root of his authenticity. When he says: I do not make sculpture, I make objects, no, I do not make objects, I make things, in fact he wants to preserve his act without the snobbery of conventionally accepted uniqueness around contemporary art, even if it is as precarious as it is today with ephemeral materials, facilities or electronic means. Or he wants to protect the playful practice that he has practiced since childhood as a territory unrelated to behavioral rules, keeping him as a compulsive and pleasurable leisure activity, like his backyard facilities, with elements of urban electrical installations, or with the dozens of irregular shapes-molds that he transfigures when they are plunged full of water on the earth. Creation/toy, the art for Benjamim is an invention that gives back a satisfying joy and meaning to life."

Aracy Amaral

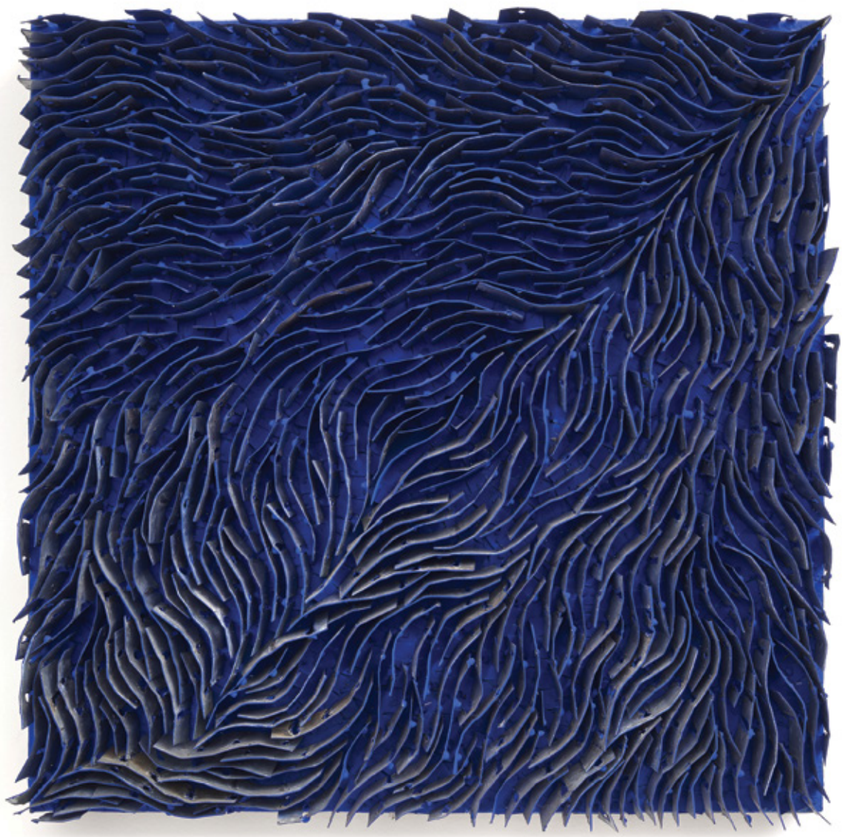


Sem Título, 2015
Zinco e pintura verde s/madeira, 100 Ø cm
Zinc and green paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura negra s/madeira, 100 Ø cm
Zinc and black paint on wood

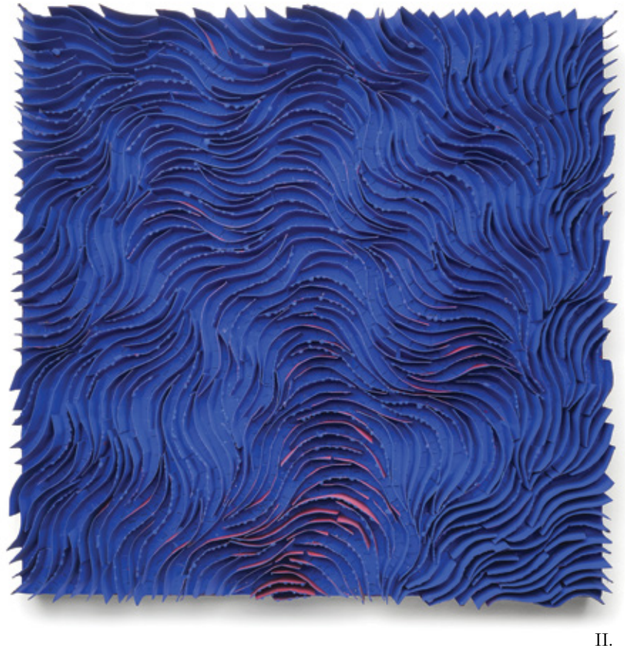
Sem Título, 2015
Zinco e pintura branca e negra s/madeira, 100 Ø cm
Zinc and white and black paint on wood

Sem Título, 2012
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 50 x 50 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood



Sem Título, 2012
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 50 x 50 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

I.



II.

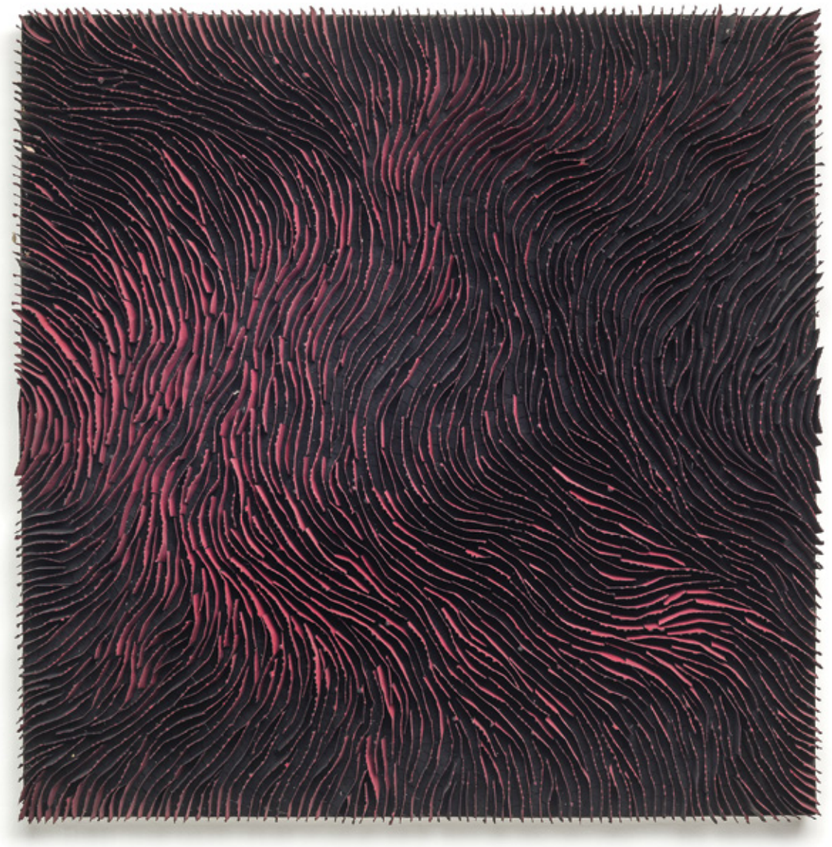
I-II. Sem Título, 2012 - 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 50 x 50 cm cada/*each*
Zinco and ultramarine blue paint on wood

III.

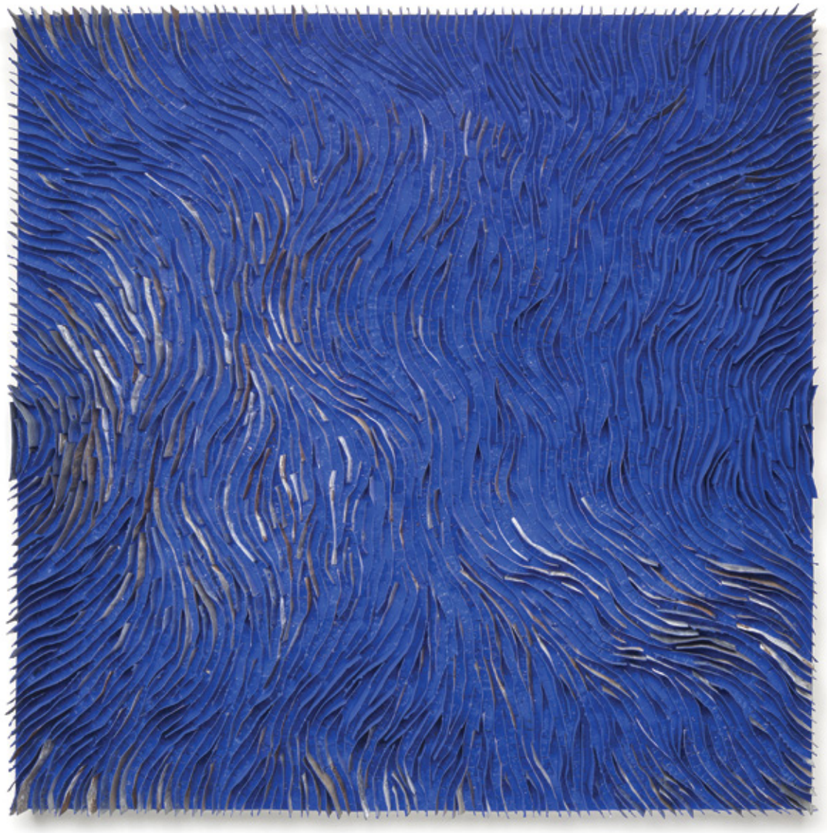
IV.

III-IV. Sem Título, 2012 - 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 50 x 50 cm cada/*each*
Zinco and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura negra e rosa s/madeira, 50 x 50 cm
Zinc and black and rose paint on wood

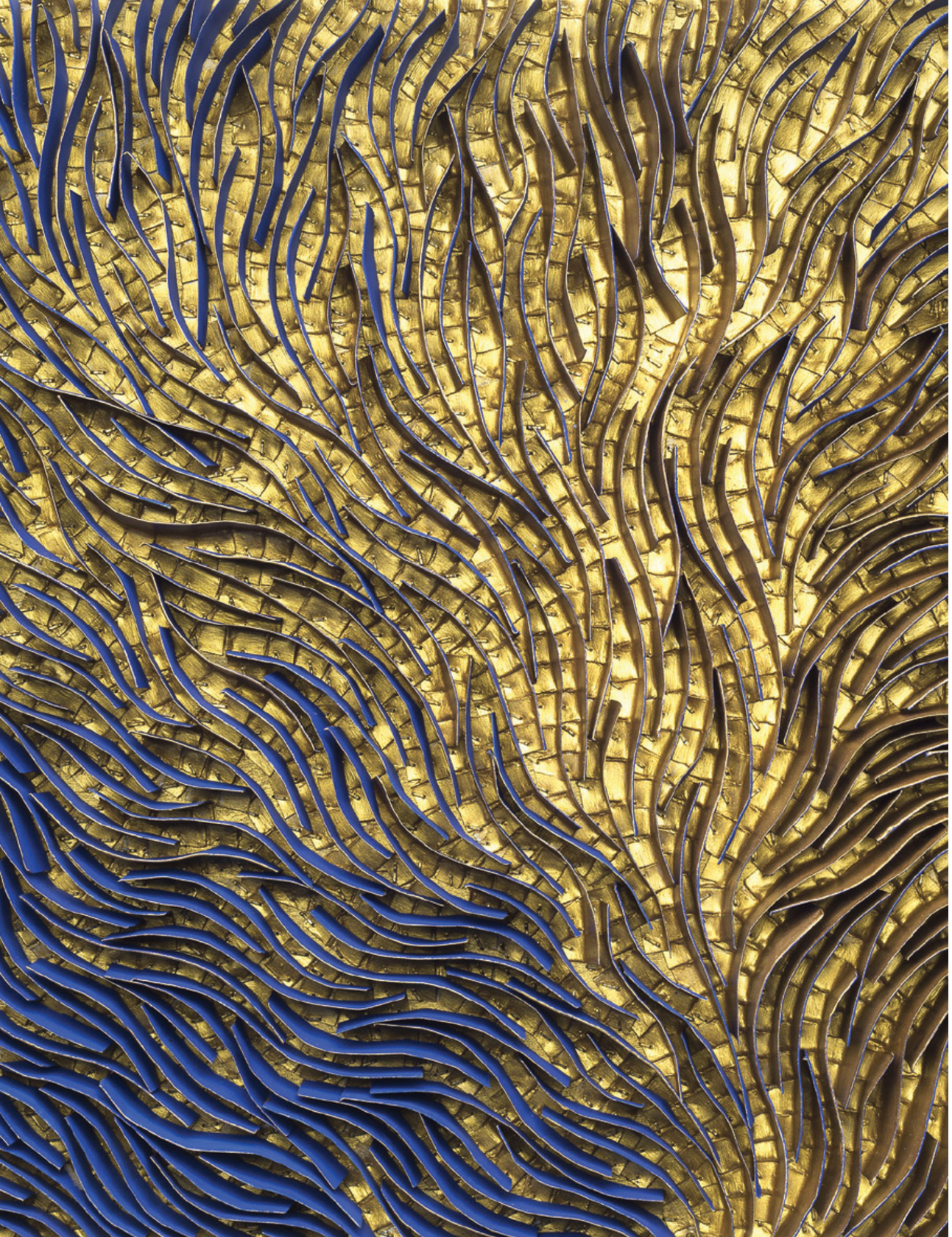


Sem Título, 2015
Zinco e pintura negra e magenta s/madeira, 80 x 80 cm
Zinc and black and magenta paint on wood



Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 85 x 85 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood

Sem Título, 2015
Zinco e pintura azul ultramar s/madeira, 85 x 85 cm
Zinc and ultramarine blue paint on wood



Marcos Coelho Benjamim nasceu em 1952 em Nanuque, Minas Gerais. Manifesta desde a infância o dom para as artes plásticas. Em 1969, transfere-se para Belo Horizonte, cidade onde vive, intensificando a sua participação no cenário artístico e cultural. A partir de 1971, desenvolve trabalhos nas artes gráficas e cartoons, colaborando com jornais. Em 1973, o colecionador Gilberto Chateaubriand adquire sessenta desenhos seus. Em 1976, realiza seus primeiros objetos escultóricos e faz a sua primeira exposição individual. Em 1979, participa de uma expedição pelo Vale do Jequitinhonha, MG, na busca das manifestações artísticas populares da região, que marcou profundamente a sua produção da década de 1980. Ao longo das duas últimas décadas, realizou inúmeras exposições no Brasil e no exterior, participou de salões e bienais, recebeu várias premiações e sua obra destacou-se por sua singularidade na produção da arte contemporânea brasileira, estando presente em destacadas coleções, no Brasil e no exterior. No ano de 1989, participou da XX Bienal Internacional de São Paulo, e recebeu o Prêmio Itamaraty. No ano de 2000, foi publicado o livro Marcos Coelho Benjamim, enfocando toda sua produção, com organização e texto de Aracy Amaral.

Considerado um dos mais representativos artistas da arte contemporânea brasileira, sua obra tem sido frequentemente apresentada em mostras internacionais, figurando em inúmeras coleções particulares, instituições culturais e museus do Brasil e do exterior. Entre eles, destacam-se o Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Ministério das Relações Exteriores (Palácio do Itamaraty, Brasília), o Museu de Arte de Belo Horizonte, o Museu Oscar Niemeyer (Curitiba), a Coleção Itaú Cultural (São Paulo), a Coleção Gilberto Chateaubriand (Rio de Janeiro), a Coleção Luiz Antonio de Almeida Braga (Rio de Janeiro), a Coleção Patrícia Phelps de Cisneros (Caracas, Venezuela, e Nova York) e a Coleção de Arte Latino Americana da Universidade de Essex, Inglaterra.

Marcos Coelho Benjamim *was born in 1952 in Nanuque, Minas Gerais. He has shown since childhood the gift for the visual arts. In 1969, he moved to Belo Horizonte, where he lives, intensifying his participation in the artistic and cultural scene. Since 1971, he has developed works in the graphic arts and cartoons, collaborating with newspapers. In 1973, the collector Gilberto Chateaubriand acquires sixty of his drawings. In 1976, he made his first sculptural objects and his first solo exhibition. In 1979, he took part in an expedition to the Jequitinhonha Valley, in Minas Gerais, searching for popular artistic manifestations of the region, which marked his production profoundly in the 1980s. During the last two decades, he has held numerous exhibitions in Brazil and abroad, took part in salons and biennials, and received several awards. His work stood out for its singularity in the production of contemporary Brazilian art, being present in outstanding collections in the country and abroad. In 1989, he took part in the 20th International Biennal of São Paulo, and he received the Itamaraty Prize. In 2000, the book "Marcos Coelho Benjamim" was published, focusing all his production, organized and written by Aracy Amaral.*

Considered one of the most representative artists of contemporary Brazilian art, his work has been frequently presented in international exhibitions, appearing in many private collections, cultural institutions and museums in Brazil and abroad. Among them, there are the National Museum of Fine Arts (Rio de Janeiro), the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro, the Ministry of Foreign Affairs (Palácio do Itamaraty, Brasília), the Museum of Art of Belo Horizonte, the Oscar Niemeyer Museum (Curitiba), the Itaú Cultural Collection (São Paulo), the Gilberto Chateaubriand Collection (Rio de Janeiro), the Luiz Antonio de Almeida Braga Collection (Rio de Janeiro), the Patrícia Phelps de Cisneros Collection (Caracas, Venezuela, and New York), and the Latin American Art Collection of the University of Essex, England.

Principais Individuais/*Main Solo Exhibitions*

2017 Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, PR
2014 Geometria Sem Rumo, Galerie Agnès Monplaisir, Paris, França
2013 Borracharia Duchamp, Galeria Murilo Castro, Belo Horizonte, MG
2007 Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, PR
2001 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP
2000 Marcos Coelho Benjamim: Objetos, Observatório Cultural Malakoff
1999 Galeria de Arte São Paulo, São Paulo, SP
1998 Galeria de Arte São Paulo, São Paulo, SP
1997 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo, SP
Galerie Ruta Correa, Freiburg, Alemanha
1996 Centro Cultural Jambeiro, Nova Lima, MG
1994 Kathleem Shields Gallery, Albuquerque, EUA
The Ambrosino Gallery, Coral Gables, EUA
The Ambrosino Gallery, Flórida, EUA
1993 Fernando Pedro Escritório de Arte, Belo Horizonte, MG
Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ
Galeria de Arte São Paulo, São Paulo, SP
1991 Centro de Estudos Brasileiros, Assunção, Paraguai
1990 Pulitzer Art Gallery, Amsterdã, Holanda
Benjamim: Obras Recentes, Galeria Marina Potrich, Goiânia, GO
1989 Galeria de Arte Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ
1987 Galeria Manoel Macedo, Belo Horizonte, MG
Marcos Coelho Benjamim, Itaú Galeria, Vitória, ES
1986 Marcos Benjamim: Pinturas e Objetos, Galeria e Escola de Arte Gesto Gráfico, Belo Horizonte, MG
Marcos Coelho Benjamim: Objetos, Sala Corpo de Exposições, Belo Horizonte, MG
1985 Marcos Coelho Benjamim: desenhos, pinturas e esculturas, Galeria de Arte e Pesquisa da Ufes, Vitória, ES
1984 Cenário para a Crucificação do Branco, Itaú Galeria, Belo Horizonte, MG
1983 A Casa do Fazer, Galeria IAB, Belo Horizonte, MG
Itaú Galeria, Belo Horizonte, MG
1982 Sala Miguel Bakun, Curitiba, PR
1981 Signo Plural, Galeria de Arte Editora Veja, Belo Horizonte, MG
Saudade 40 Graus, Nanuque, MG
1976 Fundação de Arte de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

Principais Coletivas/*Main Group Exhibitions*

2016 Texture, Galerie Agnes Monplaisir, Paris, France
2011 Perfil, AM Galeria Horizonte, São Paulo, SP
O Colecionador de Sonhos, Biblioteca Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP
2010 Cor e Forma II, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, PR
2x Minas 2x - Matias Brotas Arte Contemporânea, Vitória, ES
2x Minas 2x - Lemos de Sá Galeria de Arte, Belo Horizonte, MG
2x Minas 2x - Paulo Darzé Galeria de Arte, Salvador, BA
2x Minas 2x - Referência Galeria de Arte, Brasília, DF
Livro Objeto, Galeria c/arte, Belo Horizonte, MG
2008 Cor e Forma, Simões de Assis Galeria de Arte, Curitiba, PR
2007 80/90 Modernos, Pós-modernos, etc, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP
2006 Coleção Itaú Contemporâneo, Instituto Cultural Itaú, São Paulo, SP
2005 Carreau du Temple, Ano do Brasil na França, Paris
18 Artistes Contemporains du Brésil, Musée de L´Hotel Dieu, Paris, França
Minas Bahia/Bahia Minas, Galeria Paulo Darzé, Salvador, BA
2003 MAC USP 40 Anos: Interfaces Contemporâneas, MAC/USP, São Paulo, SP
Tesouros da Caixa: Arte Moderna Brasileira no Acervo da Caixa no Conjunto Cultural da Caixa, Rio de Janeiro, RJ
Desenho Anos 70, no MAM/SP, Rio de Janeiro, RJ
2002 Mapa do Agora: Arte Brasileira Recente na Coleção João Sattamini, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ
Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP
2001 Espelho Cego: Seleções de uma Coleção Contemporânea, MAM/SP, São Paulo e Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ
2000 Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento, Arte Contemporânea, Fundação Bienal, São Paulo, SP
Brasilidades, Centro Cultural Light, Rio de Janeiro, RJ

2000 Século 20: Arte do Brasil, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Lisboa, Portugal
Brasil + 500, Arte Contemporânea, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
Belo Horizonte - Leiria: Um Encontro de Culturas, na Galeria 57, Lisboa, Portugal
1999 De Brasil: Alquimias y Processos, Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colômbia
1998 O Moderno e o Contemporâneo na Arte Brasileira: Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM/RJ, MASP, São Paulo
Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, Itaú Cultural, Belo Horizonte, MG
Emmanuel Nassar, Leda Catunda, Marcos Benjamim, Kolams Galeria de Arte, Belo Horizonte, MG
1997 Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, Itaú Cultural, São Paulo, SP
Diversidade da Escultura Contemporânea Brasileira, Itaú Cultural, São Paulo, SP
Die Anderen Modernen, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha
1996 Rio: Mistérios e Fronteiras, no MAM/RJ, Rio de Janeiro, RJ
Cinco Artistas Mineiros, Casa de América, Madri, Espanha
ELMS Lesters Painting Rooms, Londres, Inglaterra
1995 Mystères et Frontières, no Musée de Pully, Lausannne, Suíça
Bienal de Johannesburgo, Johannesburgo, África do Sul
1993 4 X Minas, Masp, São Paulo e MAM/RJ, Rio de Janeiro, RJ
Diálogo del Siete Puntos, Guadalajara, México
Um Olhar sobre Joseph Beuys, Fundação Athos Bulcão, Brasília, DF
1992 Brazilian Contemporary Art, EAV/Parque Lage, Rio de Janeiro, RJ
Contemporary Art from Brazil, Ledisflan Gallery, Nova York, EUA
Begegnung mit den Anderen, Kassel Universitat, Kassel, Alemanha
1991 22º Panorama da Arte Atual Brasileira, MAM/SP, São Paulo, SP
21ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP
BR/80, Pintura Brasil Década 80, Itaú Galeria, Belo Horizonte, MG
1989 20ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, Prêmio Aquisição, São Paulo, SP
1987 Ao Colecionador: homenagem a Gilberto Chateaubriand, MAM/RJ, Rio de Janeiro, RJ
Premiére Selection de L'Art Jeune Bresilien, Maison de L'Amerique Latine, Paris, França
1985 Trienale der Zeichnung, Berlim, Alemanha
1983 6º Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM/RJ, Rio de Janeiro, RJ
1981 8º Salão Global de Inverno, Masp, São Paulo e MAM/RJ, Rio de Janeiro, RJ
8º Salão Global de Inverno, Fundação Palácio das Artes e Masp, Belo Horizonte - MG e São Paulo - SP
1980 Artistas Premiados do 3º Salão Nacional de Artes Plásticas, Masp, São Paulo, SP
Artistas Premiados do 3º Salão Nacional de Artes Plásticas, Galeria Oswaldo Goeldi, Brasília, DF
1977 9º Panorama de Arte Atual Brasileira, MAM/SP, São Paulo, SP
Coleção Gilberto Chateaubriand, Fundação Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG
International Cartoon Exhibition - Grande Prêmio, Atenas, Grécia
1976 4º Salão Global de Inverno, Fundação Palácio das Artes Prêmio Aquisição, Belo Horizonte, MG
International Cartoon Exhibition, Atenas, Grécia
1975 International Cartoon Exhibition, Berlim, Alemanha
7º Salão Nacional de Arte Contemporânea, MAP - Prêmio Aquisição, Belo Horizonte, MG
1974 2º Salão Global de Inverno, Fundação Palácio das Artes - Prêmio de viagem ao exterior, Belo Horizonte, MG
1973 1º Salão Mackenzie de Humor e Histórias em Quadrinhos - Grande Prêmio, São Paulo, SP
12ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal, São Paulo, SP
1972 4º Salão Nacional de Arte Contemporânea, MAP - Prêmio Aquisição, Belo Horizonte, MG

Coleções /*Collections*

Museu de Arte de Belo Horizonte, Belo Horizonte
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro
Museu Oscar Niemeyer, Curitiba
Coleção Itaú Cultural, São Paulo
Palácio do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores, Brasília
Coleção Patrícia Phelps de Cisneros, Caracas,Venezuela e New York, EUA
Latin-American Art Collection, University of Essex, England
Collection Gérard Perse, Château Pavie, Saint-Émilion, France
Coleção Marcantonio Vilaça, São Paulo
Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro
Coleção Luiz Antonio de Almeida Braga, Rio de Janeiro
Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colômbia
Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte

Copyright © 2017
Simões de Assis Galeria de Arte
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer processo sem a prévia autorização por escrito do editor.
All rights reserved. No part of this publication may be reproduced by any process without prior written permission of the publisher.

Exposição/*Exhibition*:
Marcos Coelho Benjamim

Texto de apresentação/*Presentation text :*
Guilherme Bueno

Citações de Textos/*Text quotes:*
Amilcar de Castro, Aracy Amaral, Frederico de Morais,
Olívio Tavares de Araujo, Roberto Pontual

Coordenação/*Coordination:*
Waldir Simões de Assis Filho

Supervisão/*Supervision*:
Flávia Simões de Assis

Projeto Gráfico/*Graphic Design*:
Dayanna Salles

Revisão de texto e tradução para o inglês
Proofreading and english version:
Daniel Falkemback

Fotografia das obras/*Photo of works*:
Sergio Guerini

Capa/*Coverture:*
Detalhe da obra/*detail of the work:*
Sem Título, 2014
Zinco e pintura magenta s/madeira, 160 x 106 cm
Zinc and magenta paint on wood

SIMÕES DE ASSIS GALERIA DE ARTE

Alameda D. Pedro II, 155
80420-060 - Curitiba - PR - Brasil
Tel: (55 41) 3232-2315
galeria@simoesdeassis.com.br
www.simoesdeassis.com.br

SIMÕES
DE ASSIS
GALERIA
DE ARTE